

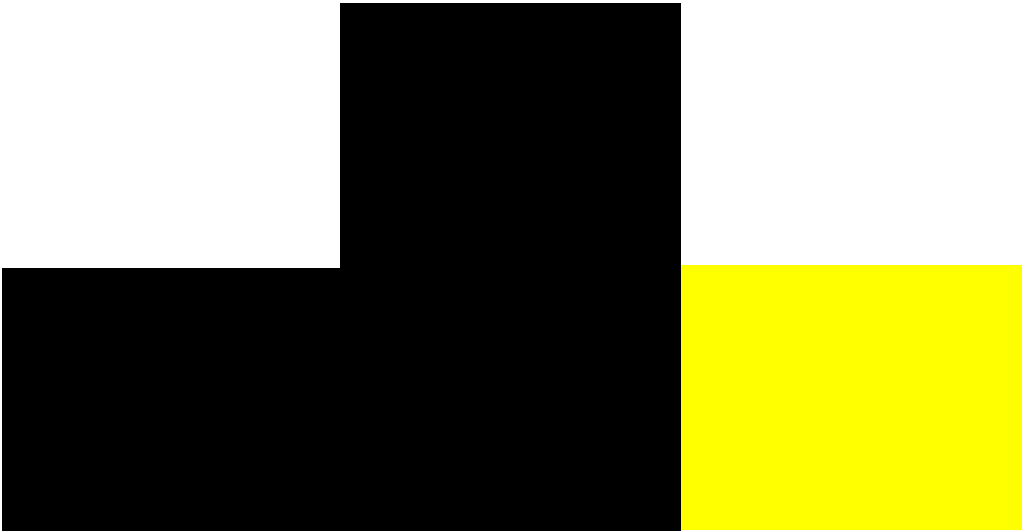


A pesquisa OSINT enfrentando o “positivismo negativo”

Aurélie Ledoux

Professora sênior. Diretora do Mestrado “Cinema, História das Formas e Teoria das Imagens”, Universidade Paris Nanterre.

Tradução de Ana Beatriz Duarte



A emancipação das práticas OSINT (*open source intelligence*) do seu domínio original, ou seja, dos serviços de inteligência, não significa simplesmente a extensão do seu campo de aplicação. Implica, mais do que isso, uma transformação – e mesmo uma inversão – do seu significado político, fornecendo novas ferramentas para verificar discursos de autoridade, sejam estatais, do campo econômico ou do mediático. Sem querer reduzir o desenvolvimento extraordinário que a OSINT vive hoje ao seu uso por ativistas e militantes, devemos notar que, de fato, existe um vínculo – se não necessário, ao menos muito estreito – entre um método baseado em fontes de natureza aberta e uma postura crítica frente aos poderes. Esse vínculo não se deve apenas à acessibilidade da informação *open source*, que a torna um terreno fértil para a reapropriação popular, mas também ao próprio gesto metodológico, que consiste em compreender a informação como um *vestígio*, isto é, como um elemento material cujo sentido pode escapar ao seu transmissor ou ultrapassar a intenção que levou à sua produção. A informação constitui, assim, um “rastro polissêmico”¹, ela própria aberta à interpretação, capaz de assumir significado em novas histórias que frustram os efeitos da autoridade. Ao participar da construção de um discurso exógeno baseado na materialidade dos vestígios, a investigação *open source* seria também uma “contra-investigação” em potencial.

Ambivalências da investigação ‘open source’

Esta articulação entre o método OSINT e uma postura contestatória, ou pelo menos “contra-discursiva”, é obviamente central nas investigações sobre a violência estatal realizadas por coletivos independentes como Bellingcat, Index ou Forensic Architecture. Mas também é visível na recente integração dessas práticas no jornalismo, que, assim, se reconectaria com sua função de contrapoder. A profissão viveria, assim, uma forma de reabilitação num momento em que é alvo de inúmeras críticas: vários dos

¹ Rayya Roumanos & Olivier Le Deuff, “L’enquête OSINT. Des traces ouvertes au récit journalistique ferme”, *Revue Intelligibilité du numérique*, no 2, 2021.

principais veículos de comunicação, na França e no em outros países², se envolveram em grandes investigações usando código aberto “que questionam os discursos oficiais e tentam promover a moralidade pública com base numa exigência tripla por transparência, regulação e controle³”. O atual entusiasmo gerado pelo método OSINT se deve em grande parte a essa função política de verificação dos discursos hegemônicos. Contudo, essa postura contradiscursiva baseada em fontes não é suficiente para garantir a legitimidade de uma investigação e muito menos a veracidade das suas conclusões. Assim, um grande problema se coloca: os meios de investigação *open source* podem ser usados igualmente para fins de propaganda ou mesmo para produzir – intencionalmente ou não – desinformação. Esse cenário se mostra ainda mais problemático por não ser nem externo nem contingente às práticas OSINT; ao contrário, estaria relacionado com as condições inerentes ao seu desenvolvimento. Se, de fato, por natureza, todo documento “deixa um rastro” (seja digital ou não; seja pelos seus metadados ou pelo seu conteúdo), a multiplicação de dados e imagens na Internet cria um espaço inédito para análise e confronto dessas informações, agora verdadeiramente *incomensuráveis*.

Como observa Eyal Weizman, essa produção prolífica é, em si mesma, uma faca de dois gumes: “O aumento exponencial de fontes primárias provenientes de zonas de guerra não necessariamente nos traz maior clareza sobre elas. Tamanha quantidade às vezes só faz aumentar a confusão – isso quando não é usada para fins de desinformação ou propaganda por militares e combatentes que expõem e divulgam as violências cometidas.”⁴

A guerra na Ucrânia fornece um exemplo recente desses usos contraditórios das fontes acessíveis online, sobretudo vídeos cuja proliferação serve tanto ao ímpeto patriótico ucraniano e à denúncia das atrocidades cometidas pelo exército russo, quanto às posições oficiais do Kremlin e aos discursos pró-Rússia. Essa superabundância de

² Pode-se pensar no *New York Times*, na *BBC* ou no *Le Monde*, sobretudo por suas investigações em vídeo sobre a questão da violência policial.

³ Rayya Roumanos & Olivier Le Deuff, *ibid.*

⁴ Eyal Weizman, “Notes sur les pratiques forensiques”, Diane Dufour (dir.), *Images à charge : la construction de la preuve par l'image*, Paris, Le Bal, Editions Xavier Barral, 2015, p. 234.

imagens não apenas multiplica os pontos de vista de cada lado, produzindo efeitos de perspectiva, mas também alimenta a polissemia das fontes e o jogo interpretativo.

O massacre de Boutcha é um caso exemplar de "ressemantizações" de vestígios fotográficos e filmicos em narrativas opostas. No início de abril de 2022, após a retirada do exército russo e a retomada da cidade pelo exército ucraniano, fotos e vídeos que testemunhavam o massacre começaram a circular na imprensa e nas redes sociais. No domingo, 3 de abril, eles foram denunciados pelas contas do Twitter e do Telegram dos Ministérios da Defesa e das Relações Exteriores da Rússia como sendo "outra farsa, uma encenação e uma provocação"⁵. Em apoio a essa tese, o site *South Front*⁶ publicou, no mesmo dia, um artigo que denunciava a situação como uma "operação de bandeira falsa" (*false flag*). Retomando várias fotos e vídeos feitos em Boutcha, o site destacava "anomalias" que supostamente revelariam a presença de manipulação (ausência de sangue aparente perto dos cadáveres, semelhança entre duas vítimas que seriam a mesma pessoa, roupas consideradas muito limpas e novas, etc.). Um argumento em particular fez muito sucesso nas redes sociais: a retomada de uma sequência filmada de um carro ucraniano em que, pelo reflexo do espelho retrovisor, era possível ver um dos mortos começar a se levantar⁷.

Ao contrário do método de propaganda baseado na produção de "falsificações" (falsos documentos ou falsos testemunhos), o procedimento aqui consiste em retomar imagens autênticas para abordá-las de acordo com um método indicial e as reinterpretar

⁵ "Another hoax, a staged production and a provocation", Fontes : <https://t.me/MFARussia/12230> et <https://twitter>.

⁶ *South Front* (southfront.org) é um site russo anglófono de "reinformação". O post citado foi apagado mas está arquivado aqui: <https://archive.ph/SEG5S>

⁷ A câmera lenta do vídeo permite ver que se trata na realidade de uma distorção óptica ligada à curvatura do espelho. O conteúdo da postagem da *South Front* foi retransmitido, no todo ou em parte, por contas pró-russas e/ou conspiratórias, como "@_2019_nCoV_". No momento em que este artigo foi escrito, estes argumentos ainda são visíveis nas redes sociais, com certas respostas por vezes até a "completar" a mensagem inicial acrescentando outros documentos (por exemplo, duas fotografias do mesmo local que não mostram o mesmo número de corpos no terreno – mas sem especificar a data das fotos) ou constatando que, neste mesmo vídeo, outro cadáver parece mexer o braço (uma observação atenta mostra que esse aparente movimento se deve a uma mancha ou gota d'água no para-brisa do carro).

como o oposto de seu significado intencional: as imagens produzidas para testemunhar o massacre se tornam então imagens da ausência de massacre.

Em um terceiro momento, no entanto, a tese da encenação levou a contra-investigações OSINT realizadas primeiro pelo *The New York Times*⁸, e depois pelo *Bellingcat*⁹. Comparando as fotos e vídeos de Boutcha com imagens de satélite da cidade durante a ocupação russa, ambos os veículos constataram a presença de corpos na rua Yablonska nos mesmos lugares e nas mesmas posições das imagens capturadas durante a chegada do exército ucraniano.

Interpretações de conspiração

Aqui, poderíamos parodiar as palavras de Pasteur, dizendo que, se um pouco de OSINT afasta a verdade, muito, a traz de volta. No entanto, não se trata de uma questão de grau: mesmo que consideremos os argumentos do *South Front* grosseiros, só convencendo aqueles que querem ou têm interesse em acreditar neles, eles levantam a questão do tratamento das fontes e do possível desvio da lógica demonstrativa inerente à investigação OSINT. Essa batalha interpretativa em torno do massacre de Boutcha ecoa, de forma condensada e solucionada pelo trabalho do *The New York Times* e do *Bellingcat*, o uso de imagens e documentos *open source*, bastante difundido nas interpretações conspiratórias desde o 11 de Setembro.

Essas teorias constituem um campo de estudo particularmente interessante, devido à sua amplitude e impacto político: de fato, ao contrário do caso de Boutcha, a propagação dessas teorias conspiratórias não se resume à circulação restrita de conteúdos mais ou menos anônimos na internet, mas envolve a mobilização de coletivos¹⁰, a

⁸ *New York Times*, 4 abril 2022 : www.nytimes.com/2022/04/04/briefing/russia-ukraine-war-briefing-bucha-warcrimes.html

⁹ O *Bellingcat* produziu primeiro um trabalho de “desmascaramento” dos argumentos do *South Front*, postado online em 4 de abril de 2022, antes de concluí-lo no Twitter em 5 de abril com um vídeo feito por um drone e imagens de satélite. Fonte: <https://twitter.com/bellingcat/status/1511289179375915010>

¹⁰ Referimo-nos obviamente ao *9/11 Truth Movement* (Movimento da Verdade do 11 de Setembro), um rótulo amplo que, na realidade, reúne várias organizações e associações que contestam o que designam como a “versão oficial” dos ataques de 11 de Setembro.

reivindicação de especialistas¹¹ e uma forte dimensão colaborativa. David Ray Griffin, uma das principais figuras do 9/11 Truth Movement, presta homenagem aos trabalhos em que baseia sua obra¹². Em grande parte, ela se baseia em pesquisa em fontes abertas, sobretudo a cronologia de Paul Thompson¹³ e os livros de Thierry Meyssan, sobretudo no que diz respeito às "provas fotográficas"¹⁴. Em *L'Effroyable Imposture* e, depois, em *Le Pentagate*, por exemplo, Meyssan analisa a forma e a cor da explosão visível no fotograma de uma câmera de vigilância; e, em fotografias do Pentágono enviadas à imprensa, mostra estragos que, segundo ele, não corresponderiam às dimensões de um Boeing 757.

Ao mesmo tempo, muitos vídeos na Internet sustentam a tese de uma conspiração com base na análise das próprias imagens do colapso das torres do World Trade Center. Sem entrar aqui nos detalhes destes argumentos¹⁵, salientamos apenas que o recurso a fontes abertas e, mais particularmente, a imagens foto-filmicas, responde à desconfiança conspiratória em relação aos discursos, sejam eles emanados por autoridades ou por testemunhas, suspeitas de serem cúmplices ou de terem sido manipuladas ou corrompidas¹⁶. De acordo com essa retórica da dúvida generalizada, a materialidade do

¹¹ Como o físico Steven E. Jones, que estaria na origem do coletivo Scholars for 9/11 Truth (posteriormente Scholars for 9/11 Truth and Justice), ou o arquiteto Richard Gage, que fundou em 2006 o Architects & Engineers para o grupo Verdade do 11 de setembro.

¹² Ver sobretudo a página de agradecimentos de seu livro de 2005, *11 septembre : omissions et manipulations de la commission d'enquête*.

¹³ Paul Thompson é um pesquisador independente que estabeleceu uma cronologia precisa dos acontecimentos através da compilação de documentos e artigos de imprensa relacionados com os ataques de 11 de Setembro de 2001. Este trabalho, que foi publicado pela primeira vez online antes de ser publicado em 2004 sob a forma de livro (*The Terror Timeline. Year by Year, Day by Day, Minute by Minute : A Comprehensive Chronicle of the Road to 9/11 – and America's Response*) desempenhou um papel muito importante na mobilização de associações familiares de vítimas e "verdadeiros" em a época da Comissão de Inquérito aos atentados.

¹⁴ Designação que é tanto de Meyssan quanto de Griffin. Thierry Meyssan, *L'effroyable Imposture*, Chatou, Carnot, 2002, e Thierry Meyssan (dir.), *Le Pentagate*, Chatou, Carnot, 2002.

¹⁵ Aqui, nos referimos a nossos trabalhos: "Videos en ligne: la preuve par l'image ? L'exemple des theories conspirationnistes sur le 11-Septembre", *Esprit* no 3-4, mars-avril 2009, p. 95-106 ; ou : "Le complot dans l'image: paradoxes de l'image-preuve", *L'image, le secret*, B. Villenave & J. Wolkenstein (dir.), PUR, 2020, p. 203-220.

¹⁶ É por este motivo, por exemplo, que Thierry Meyssan optou por rejeitar certos testemunhos: "Não obstante o respeito que devemos à elevada qualidade das "testemunhas oculares", oficiais e parlamentares, é impossível engolir tal absurdo. Longe de dar crédito ao seu depoimento, a qualidade destas testemunhas apenas sublinha a importância dos meios utilizados pelo exército dos Estados Unidos para disfarçar a verdade.", *L'Effroyable imposture, op. cit.*, p. 23.

vestígio é valorizada como um meio de eliminar mediações potencialmente enganosas e escapar das distorções do discurso, defendendo uma ligação direta com a realidade.

Independentemente das dificuldades extrínsecas que o método OSINT possa encontrar (como a questão da autenticidade das fontes¹⁷ ou os limites éticos da investigação), surge aqui um paradoxo "essencial": uma abordagem intrinsecamente ligada à verificação da informação é reivindicada e retomada em conteúdos que constituem desinformação. Esse paradoxo, que levanta a questão dos critérios de definição – ou seja, verdadeiramente metodológicos – das contra-investigações OSINT, remete ao que Eyal Weizman denomina "positivismo negativo". A denominação faz referência à virada materialista assumida pelos argumentos negacionistas desde Faurisson: o julgamento de Irving¹⁸, cujos desafios Weizman descreve no início de *La vérité en ruines*, mostra como a ênfase em considerações que pretendem ser puramente materiais serve a uma dupla estratégia de inverter o ônus da prova e excluir parte dos elementos da investigação, a começar pelo discurso dos sobreviventes. Longe de ser um ganho de cientificidade, esse "positivismo" constitui, portanto, uma forma de reducionismo e regressão metodológica, disfarçada em uma postura de objetividade:

No julgamento de Londres, [era] a arquitetura – ou, mais precisamente, a ausência de um elemento específico de prova material de natureza arquitetônica – que Irving buscava mobilizar contra os testemunhos oculares. Sua insistência na materialidade não se devia a convicções positivistas – não haveria nada de repreensível em adicionar uma dimensão material a outros procedimentos de administração da prova –, mas ao seu negacionismo, e em particular à negação absoluta da capacidade das testemunhas de

¹⁷ Ver sobretudo: "Comme des enfants avec un jeu de LEGO", De l'importance de l'esprit critique et du travail collaboratif dans une enquête *Open source intelligence* (OSINT)", Entretien de Rayya Roumanos avec Benjamin Strick, *I2D – Information, données & documents*, 2021/1, no 1, p. 30-35.

¹⁸ David Irving apresentou uma queixa por difamação contra a editora britânica Penguin Books e a historiadora Deborah Lipstadt, que o descreveu como um negador do Holocausto e o acusou de falsificar a história. O julgamento de Irving ocorreu no Supremo Tribunal da Inglaterra e País de Gales entre janeiro e abril de 2000.

manter qualquer discurso relevante do ponto de vista histórico. Opondo a matéria à memória, ele parecia defender uma história sem testemunho e para além da linguagem¹⁹."

Investigação forense: o subjetivo e o objetivo intrincados

Este ponto é crucial, porque estabelece uma linha divisória entre práticas que podem ser confundidas. A investigação forense, como definida por Eyal Weizman, não exclui o testemunho nem baseia o conhecimento da realidade em um processo de desintermediação. Pelo contrário, Weizman insiste no caráter fundamentalmente construído da prova e, mais amplamente, da nossa relação com a verdade. Nessa perspectiva, o campo humano do testemunho não se opõe ao campo material da prova, como o subjetivo se opõe ao objetivo. Apreendidos sob o regime da interpretação, ambos se unem e se combinam em um trabalho de investigação onde o significado é elaborado por meio de análises, hipóteses e verificações.

Ao contrário de uma concepção ingênua sobre ele, o testemunho não é recebido como imediatamente verdadeiro, mas sim como uma fala em si mesma lacunar, possivelmente "perfurada" por um trauma e por uma violência que ela denuncia indiretamente. Os trabalhos do Forensic Architecture reivindicam, assim, a interconexão do que o "positivismo negativo" busca separar, utilizando tanto as memórias auditivas de prisioneiros para construir o modelo tridimensional do centro de detenção sírio de Saydnaya, quanto fazendo com que a memória e novos elementos de testemunho surjam através da reconstituição 3D de uma casa destruída por um ataque de drone²⁰.

Em contraste com uma "imagem-objeto misantropo"²¹, os complexos iconográficos produzidos pela Forensic Architecture não pretendem contornar a linguagem através da materialidade das provas, mas, em vez disso, procedem da vontade de "fazer os objetos falarem como se fossem seres humanos"²². Essa dimensão

¹⁹ Eyal Weizman, *La Vérité en ruines*, Zones, Paris, 2021, "Positivisme négatif", p. 16. (Tradução nossa)

²⁰ "Les topographies des droits humains. Rencontre avec Forensic Architecture", comentários coletados por Philippe Mangeot & Laure Vermeersch, *Vacarmes*, no 71, 2015/2, p. 144-145.

²¹ Ver "Notes sur les pratiques forensiques", *Images à charge*, *op. cit.*, p. 231-232.

²² *Ibid.*

fundamentalmente discursiva e interpretativa da investigação forense explica o paralelo, traçado várias vezes por Eyal Weizman, entre os objetos materiais e a imagem fotográfica, seja o crânio de Josef Mengele²³, uma paisagem²⁴ ou ainda simples paredes²⁵. Se, segundo ele, todos esses objetos são "como uma fotografia", a comparação deve ser interpretada da maneira certa: as fórmulas de Weizman visam menos estabelecer a imagem fotográfica como um vestígio material do que a pensar os vestígios registradas pela matéria como imagens. Assim, na perspectiva da "osteobiografia" utilizada por Clyde Snow para identificar o crânio de Mengele: "Os ossos são [...] tanto objetos quanto imagens. Mas, como qualquer fotografia, as inscrições impressas nesses ossos são sempre equívocas. Elas exigem interpretação e convicção"²⁶.

Essa comparação entre a fotografia e os objetos da investigação forense inverte, portanto, a relação normalmente subentendida por uma concepção pseudo-positivista da "prova pela imagem", em que a materialidade da marca foto-filmica é reivindicada para sustentar uma suposta imediatidade da evidência visual e servir a uma postura de desintermediação. Se o mundo material pode, segundo Weizman, ser pensado sob o modelo da inscrição e da revelação fotográfica, é porque "a fotografia é um processo entre outros que permite à matéria se apresentar como imagem"²⁷. Portanto, não se trata tanto de enfatizar a relação com o referente (a comunhão de realidade entre o objeto e a marca), mas sim o caráter interpretativo que toda abordagem baseada no estudo de vestígios possui.

Assim, no caso específico do uso de fotografias ou vídeos, a possibilidade de apreender a realidade pela imagem não reside em um reconhecimento direto, baseado em uma relação analógica com o referente, mas pressupõe uma abordagem analítica que

²³ "Na verdade, os ossos estão sujeitos a diferentes constrangimentos ao longo da vida – trabalho, espaço de vida, nutrição, hábitos, doenças e lesões – de uma forma muito semelhante ao processo de exposição de película fotográfica à luz." "Notes sur les pratiques forensiques", *Images à charge, op. cit.*, p. 231. (Tradução nossa)

²⁴ "La terre est une photographie", *Vacarmes, op. cit.*, p. 13

²⁵ "Le mur a fonctionne comme une pellicule photographique, un negatif expose a la lumiere portant l'empreinte des corps". "Ataque de drone a Miranshah", *Images à charge, op. cit.*, p. 201.

²⁶ "Notes sur les pratiques forensiques", *Images à charge, op. cit.*, p. 231. (Tradução nossa)

²⁷ *Ibid.*, p. 232. Grifo nosso

determina o que é levado a ter sentido: não é tanto a imagem que fornece a prova, mas sim o pensamento que faz com que ela se torne uma fonte de pistas.

É neste ponto que, sob uma retórica materialista, um desvio metodológico do uso de fontes abertas é possível, já que:

[...] o menor indício pressupõe uma capacidade de leitura e, nesse sentido, a OSINT corresponde claramente a uma lógica de análise documental que transforma qualquer documento, mesmo iconográfico ou audiovisual, em texto [...]: tudo o que exige leitura é texto. É aqui que a OSINT vira lenda, no sentido original da palavra *legenda*, aquilo que deve ser lido. E o que deve ser lido requer, portanto, análises, mas também métodos e técnicas²⁸.

A utilização de fontes abertas não é suficiente para definir a OSINT. De fato, a ênfase no caráter *open source* desses novos métodos de investigação muitas vezes faz com que nos esqueçamos do significado da parte final do acrônimo²⁹. É importante, portanto, distinguir entre práticas que se baseiam em fontes abertas e um método que implica habilidades e conhecimentos na avaliação de fontes e na análise de informação. Apesar da novidade tecnológica de suas ferramentas e recursos, a investigação OSINT "não ignora o passado e, ao contrário, demonstra a importância das tradições documentais e analíticas em matéria de investigação"³⁰.

²⁸ Olivier Le Deuff, "L'Open source intelligence (OSINT): origine, definitions et portee, entre convergence professionnelle et accessibilite a l'information", *I2D – Information, données & documents*, 2021/1, no 1, p. 17. (Tradução nossa)

²⁹ Isto talvez não seja alheio à dificuldade de traduzir adequadamente o termo inglês *Intelligence*, que dá suas últimas três letras a OSINT: como observa Olivier Le Deuff, as traduções como "inteligência" ou "informação" também são insatisfatórias, a primeira porque se refere de forma demasiado genérica a uma faculdade, a segunda porque se refere ao domínio restrito dos serviços secretos. Em ambos os casos, a tradução francesa não consegue transmitir a ideia, apresentada em inglês, de uma atividade analítica e colaborativa que é o espírito da OSINT. Ver Olivier Le Deuff, "L'Open source intelligence (OSINT)...", *Ibid.*, p. 14. (Tradução nossa)

³⁰ Olivier Le Deuff et Rayya Roumanos, "Open source intelligence (OSINT): retour aux sources", *I2D – Information, données & documents*, 2021/1, no 1, p. 10.